



17 de maio

**Dia Internacional
contra a HOMOFOBIA
e a TRANSFOBIA**

Plano de aulas

Atividade 1: “Só para mim”, sugerida para alunos entre 6 e 9 anos

Atividade 2: “O divisor malvado”, sugerida para alunos entre 9 e 12 anos

Atividade 3: “Misturando as coisas”, sugerida para alunos a partir de 13 anos

Atividade 4: “O que eles estão pensando?”, sugerida para alunos a partir de 13 anos



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

**Representação
no Brasil**

Publicado em 2014 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - 7, place de Fontenoy, 75352 Paris 07 SP, França - e Representação da UNESCO no Brasil.

© UNESCO 2014
BR/2014/PI/H/2



Esta publicação está disponível em acesso livre ao abrigo da licença **Atribuição-Partilha** 3.0 IGO (CC-BY-SA 3.0 IGO) (<http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/igo/>). Ao utilizar o conteúdo da presente publicação, os usuários aceitam os termos de uso do Repositório UNESCO de acesso livre (<http://unesco.org/open-access/terms-use-ccbysa-en>).

Título original: *Lesson Plan: International Day Against Homophobia and Transphobia*.

Publicado em 2014 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo deste livro não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites.

As ideias e opiniões expressas nesta publicação são as dos autores e não refletem obrigatoriamente as da UNESCO nem comprometem a Organização.

Créditos da versão em português:

Coordenação: Setor de Educação da Representação da UNESCO no Brasil

Tradução: Rita Brossard

Revisão técnica: Mariana Braga Alves Souza Neves, Setor de Educação da Representação da UNESCO no Brasil

Revisão gramatical e editorial: Unidade de Comunicação, Informação Pública e Publicações da Representação da UNESCO no Brasil

Projeto gráfico: UNESCO



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

Introdução

Todos os anos, em 17 de maio, celebra-se o Dia Internacional contra a Homofobia e a Transfobia (DIHT).*

Próximo a essa data, atores públicos e privados – desde as agências das Nações Unidas até câmaras municipais, delegacias de polícia, organizações de direitos humanos, cidadãos, escolas e outros – promovem atividades para tratar de temas relacionados à homofobia e à transfobia.

Neste ano, o tema do DIHT é **Lutar contra a homofobia e a transfobia NA e POR MEIO DA educação**. A escolha desse tema respondeu à conscientização cada vez maior de que o *bullying* homofóbico e transfóbico em escolas – manifestação de homofobia e transfobia – é assunto sério que estudantes e profissionais de educação enfrentam todos os dias, em diferentes partes do mundo.

Estudos mostram que o *bullying* homofóbico e transfóbico pode ter grande impacto sobre os jovens em um momento crucial de suas vidas. Com frequência, o *bullying* homofóbico pode levar a mau desempenho do aluno ou até mesmo, em alguns casos, ao abandono escolar. Consequências potencialmente negativas do *bullying* homofóbico sobre a saúde física e mental de jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersexuais (LGBTI) incluem maior probabilidade de contemplar comportamentos de dano autoinfligido. Consequentemente, a incidência de suicídio é muito mais alta nesse grupo do que entre jovens em geral. Pesquisas também mostram que esses jovens tendem a se envolver em comportamentos de alto risco, incluindo sexo sem proteção e uso de drogas.

“O bullying homofóbico é [...] um ultraje moral, uma grave violação de direitos humanos e uma crise de saúde pública”.

Ban Ki-moon, secretário-geral das Nações Unidas, em 8 de dezembro de 2011

O *bullying* homofóbico e transfóbico direciona-se não apenas a jovens lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros, mas a todos os jovens julgados como “fora das normas” do que constituem comportamentos “femininos” e “masculinos”. Ocorre em todos os níveis educacionais, inclusive no ensino fundamental, e enfraquece os fundamentos da igualdade de gênero, do respeito por todos e do direito a uma educação de qualidade em um ambiente seguro.

Ao longo dos anos, professores em todo o mundo desenvolveram atividades para seus alunos, com o auxílio de diversas organizações que empreendem esforços para abordar a homofobia e a transfobia em instituições educacionais. Com base no sucesso dessas experiências, a UNESCO e o Comitê DIHT propõem que os professores aproveitem o Dia Internacional contra a Homofobia e a Transfobia para promover uma *Aula DIHT*.

As quatro atividades propostas a seguir são direcionadas para estudantes de ensino fundamental e médio. Incluiu-se, ainda, uma lista de recursos de outras organizações voltada a professores de todas as disciplinas e todas as séries, a fim de permitir outras escolhas de possíveis atividades a serem desenvolvidas. Ao promover uma *Aula DIHT*, é possível criar ambientes de aprendizado mais seguros, abordar a discriminação e estimular o respeito e a tolerância entre estudantes.

* A UNESCO entende que o termo homofobia aplica-se a todas as formas de violência – física, verbal ou velada – a gays, lésbicas e bissexuais; já transfobia é a violência voltada a travestis e transexuais.





Discutir homofobia e transfobia na sala de aula

Orientação sexual, identidade de gênero, homofobia e transfobia são tópicos sensíveis e sua discussão já gerou muita controvérsia em instituições educacionais. Embora esses tópicos possam ser temas delicados, abordá-los por meio de discussões apropriadas à idade dos estudantes pode contribuir para **fomentar um ambiente de maior respeito na sala de aula e na escola.**

O propósito das atividades apresentadas a seguir é **contribuir para assegurar o direito de todos os estudantes a um ambiente de aprendizado seguro, independentemente de quem sejam.** Assim, essas propostas visam a ajudar os alunos a entender a **importância do respeito** por todas as pessoas, bem como a aceitar a diversidade.

Não é preciso ser um especialista em homofobia e transfobia para promover essas atividades. Seu papel principal é conduzir uma **discussão aberta**, que garanta o respeito de opiniões diversas. Para criar um ambiente que estimula o debate aberto, você precisa saber como:

- facilitar uma discussão;
- lidar com perguntas cuja resposta você desconhece;
- lidar de forma construtiva com afirmações estigmatizantes e discriminatórias.

Partes das próximas seções foram adaptadas de materiais desenvolvidos para o Programa de Educação Internacional EFAIDS.

Facilitar uma discussão

É importante criar um ambiente seguro, de aceitação e de apoio, a fim de maximizar o compartilhamento e o aprendizado, especialmente quando se pede que os estudantes falem sobre tópicos delicados e às vezes controversos. Uma prática útil é estabelecer regras básicas ou regras da classe antes de iniciar a atividade. Essas regras ajudam os estudantes a entender desde o início qual é o comportamento esperado deles. Estimule-os a desenvolver as próprias regras para que, assim, criem um sentido de propriedade. Em seguida, exponha as regras em um lugar visível, para que todos possam consultá-las, se necessário.

Exemplos de regras básicas:

- Valorizamos e respeitamos as questões e as opiniões uns dos outros.
- Não falamos sobre assuntos pessoais discutidos em sala de aula com pessoas de fora do grupo, ou seja, mantemos assuntos pessoais confidenciais.
- Não interrompemos uns aos outros.
- Não humilhamos ou criticamos outras pessoas em aula.
- Temos o direito de não responder a uma pergunta se não quisermos fazê-lo.
- Podemos escolher não realizar uma atividade se não nos sentirmos confortáveis com ela.
- Se não quisermos fazer uma pergunta na frente de todos, podemos fazê-la anonimamente ao professor (por exemplo, por meio de uma caixa de perguntas).

Lidar com perguntas cuja resposta você desconhece

Você pode não saber a resposta para todas as perguntas. Nesse caso, você pode se sentir confortável dizendo “Não sei a resposta para sua pergunta, mas vou descobri-la”





para vocês”. Você pode, então, perguntar ao contato apropriado qual seria a resposta correta. Você também pode estimular os estudantes a desenvolver a própria pesquisa e promover outra sessão de conversa a fim de assegurar que esse trabalho produziu resultados factuais. **É importante fornecer informações corretas.**

Lidar de forma construtiva com afirmações estigmatizantes e discriminatórias

Deixe claro que **afirmações estigmatizantes e discriminatórias não são aceitáveis**, ao introduzir a atividade com as seguintes frases:

- É possível termos opiniões diferentes sobre orientação sexual e identidade de gênero, mas não respeitar alguém pelo que é não é aceitável.
- Ninguém merece ser tratado de maneira negativa por nenhuma razão, incluindo sua orientação sexual ou sua identidade de gênero.
- Todos têm direito a um ambiente seguro de aprendizado.
- Todos têm um papel a exercer para estabelecer o respeito por todas as pessoas.

Lembre-se: O objetivo dessas atividades não é, necessariamente, mudar opiniões sobre o tópico, mas enfatizar a importância de respeitar as diferenças entre as pessoas e promover ambientes de aprendizado seguros para todos os estudantes.

Algumas informações que podem ajudá-lo a lidar com afirmações estigmatizantes e discriminatórias relacionadas mais especificamente à homofobia e à transfobia são:

- *Homossexualidade* é a atração física, emocional e/ou sexual a pessoas do mesmo sexo.
- Uma parte significativa das expressões homofóbicas direciona-se a pessoas que não se identificam, nem naquele momento nem em outros momentos de suas vidas, como homossexuais.
- *Gênero* são papéis, comportamentos, atividades e atributos socialmente construídos que determinada sociedade considera apropriados para homens e mulheres, meninos e meninas.
- *Transgênero* descreve uma pessoa cuja identidade de gênero difere de seu sexo ao nascer. Transgêneros podem ser masculinos para femininos (aparência feminina) ou femininos para masculinos (aparência masculina). Transgêneros não necessariamente desejam uma mudança permanente de sexo ou outra reatribuição cirúrgica.
- Definição amplamente aceita de *homofobia*: medo, rejeição ou aversão irracional, frequentemente sob a forma de atitudes estigmatizantes ou comportamentos discriminatórios, com relação a homossexuais e/ou homossexualidade.
- Definição amplamente aceita de *transfobia*: aversão, ansiedade, desconforto ou ódio irracionais com relação a pessoas porque são ou são percebidas como transgêneros. Uma parte significativa de expressões transfóbicas direciona-se a pessoas que não se identificam como transgênero, nem se identificarão como tal em outros momentos de suas vidas.

Atividades para o planejamento da Aula DIHT

Neste plano de aulas, existem:

- Duas atividades para o **ensino fundamental**. A primeira, “Só para mim”, para alunos entre 6 e 9 anos e a segunda, “O divisor malvado”, para alunos entre 9 e 12 anos.
- Duas atividades para o **ensino médio**, “Misturando as coisas” e “O que eles estão pensando?”, para alunos a partir de 13 anos.





Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

A atividade “Só para mim” (ensino fundamental)

Propósito:

- Entender quem define as normas
- Conscientização sobre normas de gênero

Facilitador(es): um ou vários professores

Grupo alvo: alunos entre 6 e 9 anos

Tempo: 30 minutos

Materiais: quadro e giz ou canetas

Procedimento:

- 1) Explique o objetivo do exercício com palavras simples, como: “Durante esta atividade, discutiremos o que, na opinião de vocês, meninos e meninas fazem de forma diferente; por que isso ocorre e o que vocês acham disso”.
- 2) Estabeleça regras básicas. Explique aos alunos que esse é um espaço aberto livre, no qual cada um deve respeitar o que o outro diz sem interrupções ou risos, que a contribuição de todos tem igual valor e que nenhuma ideia é ruim.
- 3) Divida o quadro em duas colunas: *meninas* e *meninos*.
- 4) Peça aos alunos que deem exemplos do que consideram SÓ PARA meninos e SÓ PARA meninas. Escreva todas as sugestões, mesmo (e especialmente!) as muito controversas (como, por exemplo, andar de bicicleta sugerida para meninos).
- 5) Quando o número de contribuições diminuir, pergunte quem, entre as meninas, já fez pelo menos uma das coisas listadas na coluna dos meninos, e vice-versa. Os alunos podem falar ou ficar em silêncio, portanto, tome cuidado para não forçar nenhuma revelação de informações que possa deixá-los sem jeito. Em casos de sugestões controversas, é provável que todos se sintam tentados a *cruzar a divisão de gênero* e a questionar a validade dessa linha. É possível propor discussões sobre quem define o que é “só para” quem, se isso é justo e se isso foi sempre assim.
- 6) Para concluir a atividade, o facilitador/professor deve selecionar uma ou algumas das sugestões (por exemplo, astronautas com frequência são colocados na coluna *meninos*, embora 55 mulheres tenham ido ao espaço) e explicar aos alunos que tanto meninos quanto meninas podem fazê-las, e que o modo como meninos e meninas devem se comportar está baseado em ideias pré-concebidas. O facilitador/professor deveria salientar que noções pré-concebidas de como meninos e meninas deveriam agir são muito diferentes na atualidade do que eram no passado, e que continuarão a mudar.





Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

A atividade “O divisor malvado” (ensino fundamental)

Propósito:

- Conscientização sobre processos que levam à discriminação e à exclusão
- Entender como são criadas as categorias *normal* e *não normal*

Facilitador(es): um ou mais professores

Grupo alvo: alunos entre 9 e 11 anos

Tempo: 40 minutos

Materiais: papel e caneta

Procedimento:

- 1) Explique o objetivo do exercício com palavras simples, como: “Durante esta atividade, falaremos sobre por que algumas pessoas tratam outras de forma injusta, em função de a cor da sua pele, seu lugar de origem, sua aparência ou seu modo de agir serem diferentes dos de outros estudantes que normalmente frequentam nossa escola. Também falaremos sobre como essas ações fazem as pessoas tratadas injustamente se sentirem”.
- 2) Estabeleça regras básicas. Explique aos alunos que esse é um espaço aberto livre, no qual cada um deve respeitar o que o outro diz sem interrupções ou risos, que a contribuição de todos tem igual valor e que nenhuma ideia é ruim.
- 3) Escolha um aluno ou um pequeno grupo de alunos para ser o “divisor malvado”. No caso de crianças mais jovens, o professor/facilitador ou outro professor deve representar esse papel até que os alunos entendam o conceito. O “divisor malvado” é instruído a dividir a classe em várias categorias (o número de categorias pode variar dependendo do tamanho do grupo e dos critérios de divisão). Apenas o “divisor malvado” conhece os critérios de divisão (como cor dos sapatos ou roupas, primeira letra do nome, falta do dente da frente, cor dos olhos etc.). Os critérios precisam ser facilmente identificáveis pelo divisor, de modo que aspectos materiais ou físicos são a escolha mais óbvia (evidentemente, critérios possivelmente estigmatizantes devem ser excluídos).
- 4) Separe os estudantes e organize a classe em diferentes espaços (com desenho de círculos no chão para identificar espaços específicos ou crie espaços com a redistribuição das carteiras e cadeiras). O “divisor malvado” deve posicionar cada aluno em um espaço. Em seguida, os grupos recém-formados devem adivinhar quais são os critérios de divisão.
- 5) Depois que cada grupo tenha identificado os critérios que os dividem, os estudantes devem opinar se os critérios fazem sentido (se pessoas com uma mesma característica pertencem a um mesmo grupo) e se os grupos formados eram os que teriam feito se tivessem escolhido os próprios critérios. Eles provavelmente dirão que sentiram falta de alguns bons amigos e que distribuiriam os grupos de acordo com suas afinidades e não segundo critérios definidos externamente.
- 6) Para classes mais adiantadas no ensino fundamental, deve-se perguntar aos alunos se poderiam identificar alguns critérios reais de “divisores malvados”, como cor da pele, idade, incapacidades, conformidade a moldes de gênero etc.
- 7) Com a variação do “divisor malvado” (por exemplo, pedindo a outro professor que estabeleça um critério divisor), o jogo pode ter variações interessantes.
- 8) Para concluir a atividade, o professor/facilitador deve recapitular alguns dos grandes divisores e explicar como o estabelecimento de critérios pode levar à discriminação e à exclusão. Por exemplo, se os alunos fossem divididos em grupos dependendo da cor da camiseta e uma criança fosse a única a usar certa cor, ela estaria sozinha em um grupo e excluída dos outros grupos.





A atividade “Misturando as coisas” (ensino médio)

Propósito:

- Engajar os estudantes em uma reflexão crítica sobre normas de gênero em seu contexto sociocultural
- Sensibilizar alunos para os vínculos entre normas de gênero e *bullying* baseado em sexo e em gênero, incluindo homo/transfobia, dependendo do contexto
- Estimular estudantes a agir em resposta ao *bullying* baseado em sexo e em gênero

Facilitador(es): um ou mais professores

Grupo alvo: alunos a partir de 13 anos

Tempo: 60 a 90 minutos

Materiais: nenhum

Nota: Para preparar essa atividade, escreva o roteiro do jogo de papéis 1 e do jogo de papéis 2 (veja o passo 2 dos procedimentos) em folhas separadas, que serão entregues a pequenos grupos na sala de aula.

Procedimento:

Parte 1 (20 minutos)

- 1) Explique o objetivo do exercício com palavras simples, como: “Durante esta atividade, representaremos diferentes papéis que nos ajudarão a compreender como um ou uma jovem pode ser discriminado (ou tratado injustamente) devido a sua aparência ou seu modo de agir. Discutiremos como esse tipo de discriminação relaciona-se à discriminação baseada na orientação sexual de alguém. Por último, também exploraremos formas apropriadas e inapropriadas para responder a situações como as do jogo de papéis que iremos representar”.
- 2) Divida a classe em grupos de aproximadamente cinco alunos. Distribua a cada grupo um dos roteiros abaixo.

Jogo de papéis 1

Uma menina de aparência bastante masculina tem sido vista de mãos dadas com outra menina na escola, no horário do almoço. Ela largou rapidamente a mão da outra quando notou que era observada por um grupo de colegas. Eles riem dela ao voltar do almoço.

Personagens: a menina de aparência bastante masculina, sua parceira e os estudantes que riem dela.

Jogo de papéis 2

Há um menino novo na escola. Sua aparência é diferente do comum dos meninos em sua escola (como modo de vestir, de falar etc.). Durante uma aula, um dos professores faz comentários sobre a aparência do novo aluno na frente de todos os seus colegas. O professor até procura a aprovação dos alunos e todos o aprovam, exceto um estudante que diz que todos os estudantes têm o direito de escolher sua aparência. O menino novo também protesta e diz que nunca teve esse problema antes.

Personagens: o estudante de aparência diferente da norma, o professor, os colegas que dão risadinhas e o colega que expressa uma opinião diferente.

Nota: Você também pode inventar outros roteiros, adaptados à realidade de sua escola e ao contexto comunitário específico.





- 3) Dê a cada grupo 10 minutos, no máximo, para preparar o jogo de papéis com base no roteiro recebido. Os estudantes devem decidir quem irá representar cada papel e escolher nomes para os personagens diferentes de seus próprios nomes ou dos nomes de outros colegas (para evitar qualquer confusão entre situações reais e o jogo de papéis; ao contrário, alguns estudantes podem se sentir magoados durante o jogo de papéis).

Parte 2 (40 minutos)

- 4) Dependendo do tamanho da classe, você pode parear os grupos e fazer com que representem e discutam os dois jogos de papéis (máximo de 10 minutos cada). Em seguida, peça a dois grupos voluntários que apresentem seus jogos (um para cada roteiro) e discutam para toda a classe.
- 5) Depois que os grupos terminaram seus jogos de papéis, pergunte aos participantes como se sentiram durante a representação da cena, começando pelos alunos que fizeram os papéis dos estudantes que sofreram *bullying* dos colegas.

Nota: Você deve usar o nome dos personagens e não o dos alunos durante os comentários, para deixar claro que a cena era ficção.

Parte 3 (30 minutos)

- 6) Inicie uma discussão com as seguintes perguntas:

- Uma menina com aparência masculina é um problema em nossa escola/em nossa comunidade/em nosso país? Por quê? Ou por que não?
- Um menino com aparência diferentes é um problema em nossa escola/em nossa comunidade/em nosso país? Por quê? Ou por que não?
- Qual deve ser a aparência e o modo de agir das meninas? Por quê?
- Qual deve ser a aparência e o modo de agir dos meninos? Por quê?
- Isso foi sempre assim?
- O que pode ser feito na escola se um estudante sofrer *bullying* devido a sua aparência?
- Você conhece o significado das palavras *gay*, *lésbica*, *bissexual*, *transgênero* e *hétero*? Você pode explicar o que significam?
- Uma menina/mulher lésbica ou bissexual sempre parece masculina e age como um menino/homem?
- Um menino/homem gay ou bissexual sempre parece efeminado e age como uma menina/mulher?

Nota: Se você acha que o tempo é limitado para a seção da Parte 2, assegure-se de fazer algumas perguntas relacionadas a temas gays, lésbicos, bissexuais e transgênero.

Se você vive em um país/região onde não é possível falar sobre homossexualidade, você pode fazer as seguintes perguntas:

- É um problema termos uma menina de aparência masculina em nossa escola/em nossa comunidade/em nosso país? Por quê? Ou por que não?
- É um problema para um menino ter aparência diferente em nossa escola/em nossa comunidade/em nosso país? Por quê? Ou por que não?
- Como deve ser a aparência e o modo de agir das meninas? Por quê?
- Como deve ser a aparência e o modo de agir dos meninos? Por quê?
- As coisas foram sempre assim?
- É aceitável insultar alguém devido a sua aparência? Por quê? Ou por que não?
- Como você se sentiria se alguém o insultasse ou espancasse por causa de sua aparência?
- O que pode ser feito na escola se um estudante sofrer *bullying* por causa de sua aparência?





Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

7) Explique aos alunos os seguintes pontos:

- apenas porque um menino/homem parece menina e age como menina/mulher não quer dizer que seja gay ou bissexual;
- apenas porque uma menina/mulher age como menino/homem não quer dizer que seja lésbica ou bissexual;
- mesmo se forem, isso não é algo que escolheram ser;
- não há nenhuma razão para sofrerem *bullying* com base no que são ou no que pressupomos que sejam.

Se você vive em um país/região onde não é possível falar sobre homossexualidade, você pode explicar os seguintes itens:

- o modo como se julga que meninos/homens e meninas/mulheres devem parecer ou agir é completamente influenciado pela sociedade em que vivemos. O modo como é hoje não é o modo como era antes e essa percepção continuará a mudar;
- somos todos diferentes em nossa aparência e modo de agir;
- não é aceitável que professores e estudantes façam *bullying* (como insultar, bater etc.) para outros estudantes apenas porque parecem ou agem de forma diferente do que se considera correto.





A atividade “O que eles estão pensando?” (ensino médio)

Propósito:

- Explorar os padrões de pensamento que levam ao *bullying* homofóbico
- Reconhecer crenças e comportamentos associados ao *bullying* homofóbico
- Demonstrar algumas maneiras de interromper o *bullying* homofóbico antes que ocorra

Facilitador(es): um ou vários professores

Grupo alvo: alunos a partir de 13 anos

Tempo: 60 a 90 minutos

Materiais: giz e quadro negro

Procedimento:

Parte 1 (15 a 20 minutos)

- 1) Explique o objetivo do exercício com palavras simples, como: “Durante esta atividade, discutiremos o que é homofobia e *bullying* homofóbico e também de que forma alguns modos de pensar podem levar ao *bullying* homofóbico. Também iremos refletir de forma crítica sobre como o *bullying* homofóbico pode ser prevenido e como pessoas que são testemunhas de *bullying* homofóbico podem ajudar a interrompê-lo”. (Pode ser preciso adaptar a linguagem, dependendo do contexto. Se você não puder usar os termos *homofobia* e *bullying homofóbico*, pode ser pertinente usar *violência* e *bullying com base em gênero*.)
- 2) Para abrir a sessão, pergunte aos estudantes o que é, na opinião deles, homofobia.
- 3) Discuta as respostas dos alunos. Em seguida, explique que homofobia é o medo, a rejeição ou a aversão em relação a homossexuais e/ou à homossexualidade. Escreva a definição no quadro.
- 4) Peça aos estudantes que examinem o seguinte caso:

T é o capitão do time de futebol da escola. Um estudante novo perguntou a T como fazer um teste para o time. T deu uma olhada nesse estudante e decidiu que não gostava dele. T achou que ele parecia gay e não queria nenhum garoto gay em seu time. Assim, T mentiu, dizendo que o time estava completo. Quando o estudante apareceu para treinar, o treinador estimulou-o a fazer um teste para o time. Ele foi aprovado. Nos treinos, T com frequência o insultava e ameaçava para que ele abandonasse o time. Alguns jogadores riam e até o xingavam também. O estudante não abandonou o time, de modo que T e seus amigos começaram a bater nele quando o treinador não estava olhando.
- 5) Use o exemplo acima para discutir as motivações para o *bullying*. Pergunte-lhes o que, na opinião deles, está na mente do *bully*, por exemplo:
 - a) Gays merecem sofrer *bullying*
 - b) É engraçado aproveitar das pessoas
 - c) Podemos ganhar o respeito de amigos ao fazer *bullying* com outras pessoas
- 6) Peça aos alunos que expliquem por que acham que T e seus amigos agiram dessa maneira, o que pode incluir:
 - a) Falta de empatia
 - b) Necessidade de dominar outras pessoas
 - c) Um pavio curto que se expressa por meio da agressão física





- d) Insegurança
- e) Medo de sofrer *bullying* (poderia ser medo de ser identificado como homossexual)

Se você vive em um país onde não é possível falar sobre homossexualidade, você pode usar os seguintes procedimentos para substituir a Parte 1 do exercício:

- 1) Para abrir a sessão, pergunte aos estudantes o que, na opinião deles, é discriminação.
- 2) Discuta as respostas dos estudantes. A seguir, explique que discriminação é o tratamento desigual sem justificativa. Escreva a definição no quadro.
- 3) Pergunte aos alunos se conhecem ocasiões ou casos em que pessoas na escola foram excluídas, xingadas ou espancadas por causa de quem são e registre alguns desses exemplos no quadro. Não se esqueça de dizer aos alunos que não se trata de fazer delações ou contar histórias pessoais, pois isso pode ter um impacto negativo sobre alunos que seriam mencionados e para os alunos que contam suas histórias.
- 4) Use alguns dos exemplos mencionados para discutir o que motiva o *bullying*. Pergunte-lhes o que acham que passa pela cabeça do *bully*, por exemplo:
 - a) Que pessoas merecem sofrer *bullying* devido ao que são
 - b) Que é divertido se aproveitar das pessoas
 - c) Pode-se conquistar respeito de amigos ao fazer *bullying* com outras pessoas
- 5) Peça aos alunos para que descrevam as causas dessas crenças, que podem incluir:
 - a) Falta de empatia
 - b) Necessidade de dominar outras pessoas
 - c) Pavio curto que se expressa por meio da agressão física
 - d) Insegurança
 - e) Medo de sofrer *bullying*

Parte 2 (15 a 20 minutos)

- 6) Desafie os alunos a pensar sobre modos de lidar com o *bullying* homofóbico. Proponha um debate das respostas aos temas discutidos anteriormente.
- 7) Divida-os em grupos de cinco e peça-lhes que criem um jogo de papéis que aborde de forma construtiva as razões para o *bullying* homofóbico. Alguns dos temas possíveis são:
 - a) Mostrar respeito pelos outros
 - b) Mostrar preocupação pelos outros
 - c) Controlar o próprio temperamento e a própria raiva
 - d) Trabalhar de forma colaborativa

Se você vive em um país/região onde não é possível falar sobre homossexualidade, você pode, em vez disso, usar o seguinte procedimento para a Parte 2 do exercício:

- 6) Desafie os alunos a pensar sobre formas de lidar com o *bullying*. Proponha um debate das respostas aos temas discutidos anteriormente.
- 7) Divida-os em grupos de cinco e peça-lhes que criem um jogo de papéis que aborde as razões para diferentes tipos de *bullying* discutidos pela classe. Alguns dos possíveis temas são:
 - a) Mostrar respeito pelos outros
 - b) Mostrar preocupação pelos outros
 - c) Controlar o próprio temperamento e a própria raiva
 - d) Trabalhar de forma colaborativa





Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

Parte 3 (40 a 50 minutos)

- 8) Dependendo do tamanho da classe, você pode parear grupos e pedir que representem e discutam seus dois roteiros. Em seguida, peça que dois grupos voluntários apresentem seus jogos de papéis para a classe e discutam cada situação apresentada, conforme os limites de tempo. Se, em sua opinião, o tempo para a Parte 3 é muito curto, é possível alterar o planejamento para se concentrar em uma ou duas das questões abaixo.
- a) O que passava pela cabeça do agressor?
 - b) Como isso foi abordado?
 - c) O que podemos fazer em nossa escola?
- 9) Explique aos alunos que o *bullying* não é inevitável, mas sim algo aprendido. Portanto, pode ser desaprendido e todos podem trabalhar para preveni-lo.

